

Memórias de Agulhas: A manifestação artesanal das Bordadeiras de Jaraguá do Sul- Santa Catarina.

Memories of needles: The manifestation of artisanal embroiderers of Jaraguá do Sul- Santa Catarina.

*Daiana Riechel
Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE- Brasil
daiana.riechel@gmail.com*

Resumo: A presente pesquisa convida para um olhar e um pensar cuidadoso sobre um recorte da cultura e da memória de Santa Catarina. O bordado traz consigo olhares e leituras de realidades vivenciadas pelas mulheres ao longo de suas histórias. Possibilita analisar as relações sociais, a cultura, a memória e o patrimônio a partir de uma prática feminina, artesanal e doméstica.

Palavras- Chave: Cultura- Bordado- Patrimônio.

Abstract: This research calls for a look and a careful thinking about a cult of culture and memory of Santa Catarina. The embroidery brings looks and reads realities experienced by women throughout their histories. Possible to analyse social relations, culture and memory and heritage from a feminine practice, craft and domestic.

Keywords: Culture – Embroidery - Heritage

Memórias de Agulhas: A manifestação artesanal das Bordadeiras de Jaraguá do Sul- Santa Catarina. A realização desta pesquisa, originalmente ainda uma semente pensada, discutida e defendida na graduação em design de moda, representa a oportunidade de trazer para análise, as observações de uma manifestação que, desde o princípio dos estudos acadêmicos revelou-se rica em sentimentos, valores e propriedades, que fazem justiça ao olhar mais sensível e à sua preservação. A experiência regional, por sua vez, contém elementos ativos, fontes onde a renovação é possível, nos quais a consciência das identidades e valores próprios orientam alternativas para o presente.

Esta proposta de pesquisa tem o objetivo de investigar o bordado- uma manifestação artesanal feminina, como um elemento representativo do patrimônio e da memória cultural de Santa Catarina. Como já mencionado, originalmente essa temática nasceu nos primeiros tempos de estudo acadêmico, na ocasião com a pesquisa sobre as heranças da mulher rural do Vale do Itapocu em Santa Catarina. Os bordados estavam dentre essas memórias, foram descobertos ao longo do estudo, porém ainda não prospectavam como objeto específico de pesquisa. Com o ingresso no curso de Mestrado em

Patrimônio Cultural e Sociedade, retomei a temática, com olhar especificamente para os bordados, com intenção de discutir e sua importância patrimonial e cultural.

É importante registrar que a formação na área da moda foi fundamental para a conscientização da importância dessa manifestação artesanal, como um registro/documento imbricado no processo de construção histórica e cultural de Santa Catarina.

Como é possível preservar valores culturais e patrimoniais, diante da efemeridade que modifica e descarta memórias? Uma das questões decisivas a enfrentar é de procurar desvios ou manobras que resistam a questões impostas, e reavaliar valores e saberes em processo de esquecimento.

Nesse aspecto, observa-se que não há um estudo específico que identifique as bordadeiras e seus bordados no município de Jaraguá do Sul em Santa Catarina. As influências/ referências desses bordados também são desconhecidos, desta forma a invisibilidade e o silêncio em relação a esta manifestação, somaram-se ao desejo em conhecer um pouco mais deste universo. Além disto, verificou-se que os bordados apresentam particularidades e sensibilidades artísticas, o que caracteriza o desejo por parte das bordadeiras de criar e expressar a sua percepção de mundo e de vida, e dar visibilidade às suas memórias através do tecido e da agulha. Foi a partir deste pensamento que desenvolvi a proposta central da pesquisa: Os bordados podem ser reconhecidos como parte integrante do patrimônio cultural de Santa Catarina?

Importante registrar que Santa Catarina é um espaço privilegiado por suas manifestações culturais, provenientes dos fluxos (i) migratórios que fazem deste estado um respeitável espaço de diversidades culturais e identidades. Dentre essas diversidades, o bordado é uma das manifestações artesanais mais expressivas da cultura catarinense, mas que ainda caminha no reconhecimento da sua própria história. Na região de pesquisa, a cidade de Jaraguá do Sul (distante 180 km da capital Florianópolis) recebeu de seus (i) migrantes (húngaros, poloneses, italianos, alemães, ucranianos, açorianos) dentre os muitos saberes - a arte do bordado. O bordar é um movimento intrínseco no cotidiano das mulheres, especialmente para aquelas que vivenciaram o período que antecede à industrialização em Jaraguá do Sul e região (entre 1960 - 1980). Bordar era um movimento presente em suas vidas desde a infância, é o patrimônio recebido e transmitido pelas mulheres da família, uma herança responsável pela

criação/manutenção dos vínculos familiares e comunitários, além de ser um representativo de status social.

O ato de bordar acompanha a humanidade em sua história desde os tempos ancestrais. Nas civilizações antigas, o bordado foi amplamente cultivado, estando presente em passagens bíblicas e em momentos importantes da história. A partir do século VII, o bordado tornou-se comum na Europa, a pesquisadora Ana Gern (2010, p 04) disserta que o bordar intensificou-se de tal modo que os mosteiros tornaram-se espaços de artesanato “[...] nesses locais, as mulheres bordavam ornamentos para as igrejas, contribuindo para uma verdadeira indústria de bordados finos e de luxo, pois eram produzidos com fios de ouro e prata”. Além da igreja, as mulheres da realeza também mantinham uma relação muito próxima com os bordados, produzindo inclusive artefatos como brasões, armas, escudos e pendões. Foi um período, em que o bordado era usado para ornamentar as vestimentas religiosas e civis. A partir da Renascença o bordado passou a ser usado na decoração de interiores, tapeçarias, nos móveis estofados, entre outros elementos. Já a partir do século XVI, difundiu-se o costume de bordar cenas semelhantes a pinturas, com representações religiosas e históricas. O século XVII foi importante para o bordado no que se refere a toalhas de mesa, e o século XVIII foi o período do bordado a branco, executado sob tecido branco, com as linhas na cor do fundo.

Diante dessa bagagem histórica e cultura pergunto: Mas qual a origem do bordado e especialmente- qual a origem das simbologias que ele transporta?

A antiga arte de bordar consiste em (basicamente) adicionar um desenho decorativo a um tecido ou peça de roupa. Os elementos básicos são: material que sirva de suporte (tecido ou pele de animal) – um instrumento pontiagudo (agulha, espinho, fragmento de osso) e fios (de vegetal ou origem animal). Esse movimento tem origem na pré-história, quando a necessidade humana de proteção e defesa começaram a aflorar. (GERN, 2010).

Importante ressaltar que a história do bordado está atrelada à história da roupa, portanto é impossível falar sobre isto, sem trazer para discussão um recorte da história da indumentária. Neste caso, especificamente analisa-se a indumentária folclórica, proveniente das aldeias/camponeses da Europa ocidental, por pertencer a um contexto mais próximo da realidade do (i) migrante europeu no Brasil. Analisando o vestuário naquele momento, compartilho o conhecimento de Patrícia R. Anawalt (2011, p100) que em sua pesquisa sobre os trajes folclóricos

européus, disserta que “embora a indumentária folclórica que conhecemos hoje só tenha adquirido suas características definitivas entre os séculos XVIII e XIX, alguns dos seus elementos característicos remontam à pré-história”. Esses elementos característicos têm conotação mística e religiosa. Mas como esses símbolos sobreviveram? As evidências sugerem sua presença em rituais, pedras talhas e vasos de cerâmica cerimoniais, bem como objetos usados em rituais domésticos, ritos de celebração à natureza, práticas xamânticas e rituais sagrados.

Quando analisamos os desenhos “esotéricos” que aparecem em certos trajes folclóricos europeus (especialmente os trajes de camponeses) observa-se que são compostos de múltiplos significados (a serem analisados e discutidos) e também que há um elemento em comum entre esses: a natureza. Com um olhar mais atento é possível observar ao longo da história da indumentária que esses símbolos sobreviveram e permanecem ainda presentes. Como explicar essa permanência? Como explicar a repetição dos mesmos elementos nos bordados produzidos neste lado do Atlântico? Imaginário/inconsciente coletivo? Memória coletiva?

Analisando ainda a questão da indumentária folclórica, os trajes bordados não só serviam para cobrir o corpo, como também protegiam a pessoa que os usava dos males que (na concepção daquela determinada cultura) poderia estar sujeito. Todos os detalhes são importantes, inclusive a localização do bordado na roupa, conforme a pesquisa de Anawalt (2011, p105) sobre:

O posicionamento correto de um motivo era necessário porque os maus espíritos podiam se aproveitar de qualquer abertura ou borda para atacar o corpo. Assim, é comum encontrar bordados em golas, bainhas, mangas, punhos, bolsos e até mesmo botoeiras. As regiões mais vulneráveis do corpo exigem bordados mais grossos: o peito, os ombros, as mangas, a região da virilha, acima do coração e no meio das costas. Cabe notar, porém que quando há vários desenhos adjacentes cobrindo áreas maiores da roupa, o posicionamento dos bordados não é aleatório: motivos específicos raramente são misturados.

Os desenhos/motivos usados nos bordados que eram considerados eficazes contra os maus espíritos são em sua maioria símbolos geométricos: triângulo, círculos, estrelas, labirintos, etc; além desses, existem ainda os motivos inspirados no reino animal: chifres, patas, olhos, entre outros, que também eram considerados muito eficazes no combate a esses espíritos.

Falar sobre esses símbolos tradicionais é falar sobre uma “linguagem” muito antiga, que data do período Paleolítico, quando os humanos transmitiam seus conhecimentos e preocupações a seus descendentes. A genealogia era um dos temas principais, e foi transmitida de pai para filho e de mãe para filha. O culto à caça também foi um dos temas que sobreviveu a passagem do tempo. O homem do período paleolítico foi um caçador, da caça ele retirava o seu alimento e a proteção para o seu corpo. Ainda segundo Anawalt (2011, p 107), “mesmo depois de 30 mil anos, bordados usados da Espanha à Sibéria ainda evocam rituais de caça, um dos exemplos é o motivo do predador e da presa”. Além desses desenhos, destacam-se o sol como uma das inspirações para os bordados, os festejos relacionados aos períodos de fertilidade como a colheita, a iconografia local, e o culto à deusa-mãe, neste caso especificamente na região que compreende a Europa oriental.

Um motivo recorrente na Europa oriental, com raízes profundas na mitologia, é o de mãe terra, retratada de várias maneiras. Tais imagens não representam uma mulher universal, mas uma antiga deusa da fertilidade, muitas vezes acompanhada por símbolos mitológicos, como pássaros, cervos, cavalos, plantas e/ou figuras de adoradores. Esse importante símbolo decorativo tem uma trajetória antiga e é freqüentemente encontrado em áreas isoladas ou de minorias étnicas da Europa oriental [...] Nesses lugares as figuras femininas aparecem em formas tanto realistas quanto abstratas. (ANAWALT, 2011, p 108)

Ao analisar essa questão a partir da literatura disponível, a figura da deusa mãe não apresenta feições definidas e a sua divindade pode se manifestar por meio de outras qualidades. É possível que as deusas bordadas, tenham se originado das esculturas chamadas figuras de Vênus, interpretadas como representações primitivas do mesmo princípio- mãe terra, fonte da vida, símbolo da fertilidade. E mesmo ao longo dos séculos, resistindo às guerras e à conflitos culturais, a figura da mãe-terra ainda permanece, imagens e símbolos sagrados da cultura não foram totalmente extintos graças ao uso contínuo por parte das hábeis artesãs. O motivo da deusa muitas vezes se transforma na árvore da vida e nos motivos florais. As flores são associadas à fertilidade da deusa (ANAWALT, 2011), e em algumas regiões, a árvore da vida é transportada a elementos da iconografia local.

Viajando um pouco a frente na linha do tempo, para entendermos o nosso contexto, a partir do advento das grandes navegações, um intenso intercâmbio

cultural entre continentes, proporcionou uma infinidade de “novidades”. No que se refere a técnicas e pontos de bordados, muito foi disseminado entre Ásia, Europa, e América durante este período, fomentando um hibridismo do bordado e também possibilitando o intercâmbio de diferentes matérias primas que cruzavam os oceanos. Outro marco importante na disseminação do bordado foi o advento da impressão por Gutenberg no século XV, que possibilitou a “liberdade” do conhecimento para além do círculo dos privilegiados. A partir deste momento, o livro impresso transformou radicalmente a relação do homem com o conhecimento, pois facilitou o acesso a leitura e à cultura. No caso do bordado o invento proporcionou às bordadeiras a visualização dos modelos e a instrução de confecção, possibilitando também o maior acesso ao conhecimento da cultura do bordado.

Ao longo da história, com o fluxo de interação cultural, segundo Gern (2010) definiram-se alguns tipos de bordado: o bordado a branco, o bordado de cor (incluindo os trabalhos de ouro e prata) e o bordado sobre tela (inclui a tapeçaria). O bordado de cor tradicionalmente se faz presente em trabalhos folclóricos, consiste no uso de fios tintos em todas as cores e tons, os principais são os bordados de aplicação em relevo, o bordado mosaico, o recamo, o bordado de transporte e a guipure. O bordado de aplicação/relevo apresenta ornamentos que sobressaem e ganham relevo por conta da colocação, por baixo dos pontos (de algodão, feltro ou outro material) que os sustenta. O bordado mosaico reúne pedaços de tecidos de diversas cores. Com o bordado transporte, os desenhos são produzidos separadamente e depois são aglutinados sobre o tecido base. O bordado recamo é produzido a partir da costura no suporte base de galões, cordões e passamanaria por meio de pontos juntos. No bordado guipure, mistura-se várias aplicações no bordado (GERN, 2010).

No Brasil, os bordados sofreram influências de culturas diversas, mas especialmente das culturas indígena, portuguesa e européia. Quando se fala em artesanato nativo, a tecelagem indígena é uma importante referência. A cultura portuguesa, que trouxe para o Brasil conhecimentos europeus e posteriormente a presença africana, promoveu uma importante e diversificada conexão de técnicas e representações de bordados. Um exemplo dessas conexões é o bordado *Richelieu*, que surgiu na França aproximadamente em 1600 e integrou-se à cultura brasileira com o movimento imigratório, tornando-se um dos símbolos do nordeste brasileiro, sendo atualmente um artigo de luxo e sofisticação.

Em Santa Catarina, o fluxo das imigrações especialmente da Europa, trouxe, além das indústrias e dos saberes, uma série de manifestações artesanais e culturais. Dentre essas, podemos citar a cultura açoriana com o bordado de crivo e a renda de bilro, considerados símbolos da identidade catarinense no cenário nacional. Além desses, também os bordados das culturas imigratórias nas regiões afastadas do litoral, foco desta pesquisa. São manifestações que carregam consigo muito do que foi discutido ao longo deste texto, transportam memórias dos antepassados que colonizaram essa parte do Brasil. Mas é importante registrar que essa invocação do passado não é qualquer “[...] é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar” (CHOAY, 2006, p 18).

Referências bibliográficas

ANAWALT, Patrícia Rieff. A história mundial da roupa. Tradução Anthony Cleaver e Julie Malzoni. São Paulo: Ed. SENAC, 2011.

CHOAY, Françoise. A alegoria do Patrimônio. 3 ed. SP: Ed. UNESP, 2006

GERN, Ana. Projeto Entrelaçando Histórias. Joinville, 2010.